



Família Dehoniana

#13^{junho} 2017

Newsletter de informação e de contato da Família Dehoniana em Portugal

a abertura



Caros Irmãos e Irmãs,

Os últimos tempos foram férteis em acontecimentos que têm a ver com a nossa vida. O Encontro da Família Dehoniana em Roma, a Festa do Coração de Jesus, com a carta do Superior Geral para essa ocorrência, a Peregrinação da Família Dehoniana a Fátima.

Além de notícias e testemunhos de pessoas que estiveram presentes no encontro de Roma, publicamos a Mensagem final. Damos graças a Deus pelo trabalho feito e pela generosidade daqueles que se dispuseram a formar o novo Grupo coordenador Internacional.

Agradecemos a Deus a mensagem sempre estimulante do nosso Superior Geral, o P. Heiner Wilmer, para a festa do Coração de Jesus. Transcrevemos apenas uma parte. O resto pode ser encontrado e lido no site da Província. Trata-se de uma bela reflexão sobre as obras de misericórdia

“Dar de comer a quem tem fome; dar de beber a quem tem sede”.

Prosseguimos a apresentação de textos do Padre Dehon: textos espirituais, textos sociais, textos de viagens. São ótimos para conhecer a personalidade multifacetada do nosso Fundador, um místico de pés bem assentes na terra, pois vivia muito atento à realidade eclesial e social, manifestando grande sensibilidade pela arte.

Assinalamos ainda a Peregrinação Dehoniana a Fátima, com largas centenas de participantes: grupos missionários, paróquias confiadas aos nossos cuidados pastorais, e outros grupos da Família Dehoniana. Foi também um momento para agradecer a Deus a graça das Aparições ocorridas em Fátima há cem anos, bem como pela canonização de Francisco e Jacinta Marto. Não sabemos o que seria a vida cristã no nosso país sem essa graça. Mas seria certamente muito diferente. O Santuário de Fátima é o coração que anima a vida de fé de milhões de portugueses.

Chegados ao termo de mais um ano pastoral, louvamos o Coração de Jesus pela vida, pelo entusiasmo, pela generosidade e pela ação que continua a suscitar em nós e à nossa volta. E, ao aproximar-se o tempo de férias, desejamos a todos bom repouso para retemperar as forças para o novo ano pastoral que aí vem, com novas iniciativas em prol do Reino do Coração de Jesus nas almas e nas sociedades e para construir uma sociedade caracterizada pela justiça e pela caridade.

P. Fernando Fonseca, scj

• SOLENIDADE DO CORAÇÃO DE JESUS

TER FOME E SEDE FISICAMENTE, MENTALMENTE E ESPIRITUALMENTE

Da carta do Superior Geral para a Festa do Coração de Jesus

“... Se abrimos os nossos olhos, vemos pessoas que têm fome e sede física, intelectual e espiritualmente. Vemos pessoas que morrem de fome nos campos de batalha escondidos das nossas civilizações: crianças que crescem sem alimentação regular, que são vítimas de abusos sexuais, que são mutiladas ou tiradas às suas famílias. Outras pessoas já idosas, estão abandonadas e mergulhadas no mundo obscuro das enfermidades físicas. Sem assistência médica, vegetam lentamente até à morte. Outras ainda são afetadas por calamidades naturais e as suas casas desaparecem. Em muitas nações há aldeias inteiras em constante risco de extinção e a taxa de mortalidade infantil é elevada. Não têm qualquer hipótese de escapar à morte porque não existe água potável e até os poços estão contaminados. Têm sede de água, de vida, de futuro.

Noutras zonas de guerra do nosso mundo há pessoas em fuga porque a batalha agrava-se. A guerra é uma injustiça inaudita. A nível mental estas pessoas estão constantemente preocupadas, não conseguem dormir. Paira o medo: medo das vinganças tribais, do Boko Haram, do Isis, dos atentados suicidas, das pessoas que se tornam bombas humanas, dos grupos radicais que espezinham os direitos humanos ou dão azo ao seu ódio contra grupos de outras concepções religiosas. Outros, ao invés, são ainda jovens, crescem de forma sadia e segura, mas não sabem tomar decisões. Têm fome de orientação, de conselho, de quem indique o caminho. Desorientados, são como aqueles que, num quarto escuro, tateiam de experiência em experiência.

Além destes campos de batalha geográficos e mentais, vemos também pessoas que vivem

interiormente acorrentadas em zonas de batalha espiritual. Combatem contra uma doença ou têm preocupações porque estão ao lado de um ente querido que está doente. Outras sofrem devido à perda da pessoa amada, ficam doentes de tristeza ou caem na depressão. A solidão esmaga-as e ninguém vê as suas lágrimas escondidas. Têm fome de alguém que tenha tempo, de alguém que as escute. Têm sede de esperança e de fé. Procuram Deus. Anseiam pelo Salvador, Aquele cujo amor nunca se esgota, cujo coração nunca se cansa de cuidar do outro.

Seguindo os passos do Padre Dehon nós já damos uma resposta, muitos dos nossos colaboradores e colaboradoras, amigos e benfeitores e nós dehonianos. Juntos já decidimos estar próximo daqueles que estão com fome, socorrer aqueles que têm sede. Sabemos também que alguns estão a caminho dos que têm fome e sede e que outros trabalham escondidos, em silêncio. Aquilo que viveis e fazeis enche o nosso coração de profunda gratidão. A vossa solidariedade para com os que têm sede e os que têm fome é para nós um estímulo interior e uma fonte de alegria...

Desejamos a todos a alegria em Deus que tem um Coração para nós... Desejamos a todos os confrades, colaboradores e colaboradoras, a abundância dos dons do Espírito Santo para a Festa do Coração de Jesus!

In Corde Jesu

P. Heinrich Wilmer

Superior Geral e o seu Conselho



CORAÇÃO DE JESUS: MISTÉRIO DE UM DOM TOTAL

Em 2013, Walter Kasper chamava à atenção para o facto da devoção moderna do coração de Jesus se ter difundido no contexto do incipiente iluminismo e da secularização, assim como no âmbito da experiência sempre cada vez mais intensa da ausência ou da morte de Deus. Indicava ainda que, no meio da noite “de uma fé que morre em Deus” e de uma “crescente insensibilidade do mundo pelo amor de Deus em Jesus Cristo”, “podemos experimentar no coração de Jesus o sofrimento de Deus por este mundo e o seu incessante amor por nós homens”.

A intuição de Kasper tem, a nosso entender, o mérito de reconhecer, antes de mais, que a devoção ao coração de Jesus se encontra envolvida

historicamente com o processo moderno da secularização e que este prossegue atualmente, embora com traços cada vez mais realçados na falta de fé e na insensibilidade ao amor de Deus. Daqui resulta que a devoção ao coração de Jesus não pode ser só objeto de uma atenção estacionada e pretérita sobre a história e que, à falta de fé e à indiferença ao amor de Deus, urge uma renovada compreensão do homem no mundo que considere devidamente o seu corpo e as potências da alma, a inteligência e a vontade, na abertura ao mistério e ao dom de Deus e dos outros.

A avaliação de Kasper permite ainda, por outro lado, centrar-nos, de imediato, sobre aquela que é a revelação mais decisiva e que está contida

A devoção ao Coração de Jesus considera o mistério de um homem trespassado, Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador do mundo, revelado até ao mais íntimo do seu ser, até à profundidade de onde brotam todas as suas palavras e ações.



na devoção que se presta ao coração de Jesus: “o sofrimento de Deus por este mundo e o seu incessante amor por nós homens”.

A devoção ao coração de Jesus considera, antes de mais, a realidade do coração trespassado de Cristo, a ferida visível do lado aberto de Cristo na Cruz, cuja função é incompreensível fora da sua humanidade concreta. Porém, a ferida, porque gravada na carne, está também impressa invisivelmente na divindade, enquanto domiciliada na segunda pessoa da trindade, o Filho de Deus, que se incarnou. Neste sentido, fala-se do sofrimento de Deus, de uma ferida invisível, mas da qual não se poderia falar sem a ferida visível de Cristo na Cruz e que vem representada no seu coração humano. Só que a ferida visível de Cristo significa imediatamente a fragilidade, próprio da humanidade assumida, e suportada por amor, enquanto a ferida invisível indica diretamente o amor que se torna fraqueza pelo homem. Assim, se é verdade que o coração de Cristo não pode ser pensado independentemente de nós, tal como manifesta a sua humanidade, é igualmente verdade que não nos podemos imaginar separados do seu coração, uma vez que gerados pelo amor do Pai e chamados a uma resposta.

A devoção ao Coração de Jesus considera, neste sentido, o mistério de um homem trespassado, Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador do mundo, revelado até ao mais íntimo do seu ser, até à profundidade de onde brotam todas as suas palavras e ações: o seu amor filiar e fraterno até à morte. Este amor é total porque passa através da morte. É fonte de vida porque, muito embora tratando-se de morte física, é morte para si mesmo, é despojamento e renúncia, perda e esquecimento de si mesmo. Em substância significa que no mistério da encarnação do Filho de Deus se realiza uma saída de si mesmo tão radical a

ponto de coincidir com a morte real, mostrando-nos que a sua afirmação de si se dá através da perda de si, como amor total e incondicional ao Pai pelos homens. Também por este motivo todo o ato de caridade que praticarmos há-de supor o amor salvífico de Cristo.

Perante um progresso secular alheado e esquecido de Deus, a devoção ao coração de Jesus lembra o incessante amor de Deus por nós, sigilado para sempre no mistério do coração trespassado de Cristo sobre a Cruz, manifestado como dom de si, enquanto esquecimento de si, para que nos achássemos efetivamente amados pelo Pai e por ele chamados a responder com amor, no Filho.

Do acontecimento da transfixão decorrem, então, dinamismos capazes de introduzir o fiel num processo de transformação, tornando-o, por sua vez, capaz de amar segundo dimensões completamente novas. Antes de mais, o coração alude à passagem do sensível ao espiritual. No entanto, este processo há-de fazer-se não através de um afastamento da própria condição incarnada, mas pela via de uma transformação interior. Por outro lado, a elevação do sensível ao espiritual, atendendo ao mistério do Verbo incarnado, há-de achar-se pelo aprofundamento do próprio sensível, de tal modo que a condição humana se torne, no fiel, num sinal da transformação pela graça. Isto significa, então, que tal passagem do sensível ao espiritual, se há-de dar não fora da humanidade, nem tanto depois da morte, mas antes dentro da própria morte. Neste passo, tem lugar o movimento de total abertura ao Pai e de completo abando ao seu amor. Contudo, daqui resulta sempre uma “ferida aberta” que se há-de prologar como união e participação no mistério da salvação de Cristo pela humanidade inteira.

Pe. Paulo Coelho, scj



SINT UNUM

spirituality of communion: life and mission

Rome, 13th-16th May 2017

• ENCONTRO DA FAMÍLIA DEHONIANA

De 13 a 16 de Maio de 2017, decorreu em Roma o Encontro Internacional da Família Dehoniana. Participaram os Grupos Coordenadores da Europa e da América Latina, bem como representantes da América do Norte, da Ásia e da África.

Entre os objetivos do encontro destacavam-se alguns: uma melhor clarificação do que se entende por Família Dehoniana, a sua organização, a indicação de um novo Grupo Coordenador Internacional (GCI), questões de financiamento. Juntámo-nos 26 pessoas, com a colaboração de algumas outras do Centro de Estudos, do Colégio Internacional e da Cúria Geral. O P. Ricardo Freire, que tem tido um papel relevante em tudo o que se relaciona com a Família Dehoniana, particularmente com a elaboração do Itinerário de Formação de Leigos, secretariou o evento.

O dia 13, sábado, foi dedicado ao primeiro objetivo: clarificar o conceito de Família Dehoniana. Ajudou-nos o P. Juan José Arnaiz Ecker, do Centro de Estudos, com uma conferência sobre “A Família Dehoniana como Família Carismática”. O tema foi debatido em diversos trabalhos de grupo.

O domingo foi dia livre. Muitos fomos ouvir o Santo Padre, na Praça de S. Pedro, e receber a sua bênção. Outros aproveitaram para descansar e visitar Roma.

Os dias 14 e 15 foram particularmente dedicados ao estudo e proposta de um organigrama da

Família Dehoniana, ao debate sobre questões de financiamento, à escolha e apresentação do novo Grupo Coordenador Internacional, que contará com a presença de um Conselheiro Geral e com a colaboração de um secretário executivo.

Farão parte do GCI o P. Bruno Pilati, da Itália, a consagrada Silvia Bertozzi, da Finlândia, o Sr. Vicente Bruno Cavalcanti de Oliveira, do Brasil e a Sr.^a Rosalie Grace Escobia, das Filipinas.

O Conselheiro Geral acompanha as iniciativas do Grupo Coordenador Internacional, mas não faz parte dele. Haverá um secretário executivo, a indicar pelo GCI e em relação direta com quem presidir ao mesmo, mas também não faz parte do Grupo. Indicaram-se nomes.

O encontro, que teve bons momentos de oração, adoração e celebrações litúrgicas, terminou com a celebração da Eucaristia presidida pelo Superior Geral, na tarde do dia 16.

Foi uma boa ocasião para conhecimento recíproco daqueles e daquelas que estão mais empenhados na construção de uma Família Dehoniana que viva e proponha o projeto evangélico de vida inspirado no Padre Dehon e na sua dedicada e generosa ação em prol do Reino do Coração de Jesus nas almas e nas sociedades.

Fernando Fonseca, scj



MENSAGEM FINAL DO ENCONTRO DA FAMÍLIA DEHONIANA

1. Convocados pelo Grupo de Coordenação Internacional da Família Dehoniana e guiados pelo mote Sint Unum. Espiritualidade de comunhão na vida e na missão, 23 pessoas - 10 religiosos SCJ, 8 leigos e 5 consagradas - participantes da 'Comunhão de Vocações no carisma dehoniano' de 13 a 16 de Maio de 2017 reuniram em Roma, junto da Casa Geral SCJ.

Celebrar a comum herança na diversidade das vocações (SCJ, Institutos de vida consagrada e Laicado) e das proveniências é um dom que enriquece e abre novas perspectivas de vida a nível local e internacional.

2. O encontro estava em continuidade com a reunião havida em Maio de 2014 à luz da 'Carta de Comunhão' e tinha por finalidade dar uma estrutura clara e partilhada à Família Dehoniana a diferentes níveis (Local, continental, internacional).

3. O Padre Juan José Arnaiz Ecker envolveu a Assembleia numa aprofundada reflexão sobre a Família dehoniana como Família carismática: um caminho que a partir do conceito de carisma, dom do Espírito à Igreja, leva à pertença, à participação e à comunhão. A Família carismática é um modo de ser e estar na Igreja. A Família é comu-

nidade de discernimento, de complementaridade, de comunhão e corresponsabilidade: um espírito e um corpo ao serviço da missão. Deteve-se no modelo de compreensão que guia a Carta de comunhão e propôs uma leitura de "ordem generativa", que respeita o caminho incarnado que o carisma percorreu com a mediação do Padre Dehon e a sua Congregação.

4. Duas comunicações (ao cuidado de Donatella Martelli e do P. Claudio Weber) ajudaram a "entrar" no caminho histórico da Família Dehoniana desde o ano 2000 até hoje, à qual seguiu a apresentação das respostas ao questionário enviado a todas as realidades em que está presente a Família Dehoniana.

A síntese apresentada pelo P. Artur Sanecki, conselheiro geral, com a ajuda de gráficos, mostrou a situação atualizada em 2016 relativamente às vozes organização, finanças, formação, comunicação. Na partilha verificou-se que a Família Dehoniana é uma realidade em caminho um pouco por todo o lado e em tempos diferentes. No debate - nos grupos a nível de Vozes e na assembleia - emergiram aspetos positivos, dificuldades mas, sobretudo, propostas para melhor o caminho con-

junto. E é sobre estas que se procurou partilhar, indicando prioridades.

5. O Grupo de Coordenação Internacional apresentou uma relação sobre o trabalho realizado nestes três anos (apoio à preparação dos subsídios do ITER formativo; encorajou a constituição de coordenações continentais da Família Dehoniana; cuidou a comunicação; organizou o presente encontro internacional) e partilhou algumas observações sobre a duração do mandato, sobre o financiamento das despesas, sobre a necessidade de secretário que apoie a Coordenação para melhorar a comunicação. Também as coordenações continentais da Europa e da América Latina e algumas das Entidades informaram sobre o seu caminho.

6. O nosso encontro concentrou a sua atenção sobre o Grupo de Coordenação Internacional da Família Dehoniana chegando às seguintes decisões:

- O grupo seja composto por 1 SCJ, 1 Consagrada, 2 Leigos: as pessoas são indicadas pelas respetivas Vozes a que pertencem
- O mandato seja de 3 anos com a possibilidade, depois de uma verificação, prosseguir por outros 3 anos
- As funções e tarefas (presidente, secretário, tesoureiro) sejam divididas pelos membros do próprio grupo
- Os eleitos usufruam de ajuda financeira para as despesas do seu serviço
- Haja um secretário executivo, proposto pelo grupo, a tempo parcial
- O Grupo esteja em ligação com o Conselho Geral SCJ para um acompanhamento da parte da Congregação

7. Algumas comunicações informaram a assembleia de importantes recursos à disposição:

- O Padre Radek Warenda convidou a refletir sobre ‘comunicar’ e partilhou a estratégia de comunicação da Cúria geral SCJ, em particular propôs a mission statement, o nome e o logótipo comum (dehonians/dehonianos) para uma maior visibilidade da Família Dehoniana.
- O Padre Stefan Tertünte ilustrou o trabalho do Centro de Estudos Dehoniano a serviço da identidade dehoniana: a digitalização dos escritos do Padre Dehon e dos estudos publicados em Dehoniana, a newsletter (cf. Dehondocs), as comissões teológicas continentais.

- O ITER formativo, preparado para quatro anos, é um instrumento já pronto que permite, sobretudo aos leigos, caminhar juntos e discernir a própria adesão e pertença à Família Dehoniana.

8. Na terça-feira, 16 de Maio, foi constituído o Grupo de coordenação internacional da Família dehoniana, com a eleição de: P. Bruno Pilati, pelos SCJ, Rosalie Grace Escobia e Vicente Bruno Cavalcanti de Oliveira pelos leigos, Sílvia Bertozzi pelos institutos de consagração.

Nos trabalhos de grupo com a presença das três componentes, concordaram-se orientações e linhas operativas sobre a formação, a comunicação, a estrutura organizativa e o financiamento da Família Dehoniana.

9. Na celebração eucarística final, presidida pelo Padre Geral, P. Heiner Wilmer, com toda a Comunidade de Roma, demos graças e renovámos o nosso *Eis-me* aqui à chamada do Espírito.

10. Durante o encontro em Roma, nos grupos e na assembleia, vivemos o SINT UNUM! Sentimo-nos uma família que partilha dons e recursos, reconhece as suas fragilidades, se organiza para procurar junta caminhos de comunhão e corresponsabilidade. Acreditamos que reforçar a coordenação a comunicação pode servir a Comunhão na Família Carismática Dehoniana.

11. Conscientes de que a Comunhão de vocações acontece principalmente onde vivemos, regressamos às nossas realidades locais - entidades e vocações - corresponsáveis por um “Nós Família” que nos envolve. Queremos caminhar juntos, como ‘família carismática’, na Igreja, ao serviço do Reino do Coração de Jesus nas almas e nas sociedades.

O Espírito santo, dom pascal do Crucificado Resuscitado, encha a nossa Família dehoniana. Com a sua força de vida e os dons de acreditar e anunciar a alegre notícia de que Deus nos ama.

Em nome de toda a Assembleia

O Grupo de Coordenação internacional da Família Dehoniana

TESTEMUNHOS

Sempre em Família

Doze de maio 2017... Ao fim da manhã terminou o Conselho Central da Companhia Missionária e, às 14h 35, parti de comboio para Roma a fim de participar, de 13 a 16 de maio, no Encontro Internacional da Família Dehoniana. O meu coração e a minha mente estavam habitados por uma infinidade de pensamentos, sentimentos e emoções. Ia a caminho de Roma toda inteira, feliz pelo sentido de pertença, de amor a esta Família, pela possibilidade de participar... e, simultaneamente viajava, em espírito, com o meu povo português para Fátima, onde desejaria estar com todos os crentes, com o Papa Francisco, e ajoelhar, rezar, agradecer a Nossa Senhora de Fátima por ter, há 100 anos atrás, descido à cova da Iria. A canonização de Francisco Marto e Jacinta Marto fez-me pensar nos pais e na necessidade de transmitir aos filhos, tal como fizeram os pais destes pastorinhos, “a mais bela herança, a maior herança que um homem, uma mulher, pode deixar aos seus filhos [...] a fé” (Papa Francisco - 4/2/2016).

Para unificar a minha vivência com a de todos os presentes no Santuário, decidi rezar o terço, confiar a Jesus, pelas mãos de Maria, a FAMÍLIA (CM, FD, Povo Português, Igreja...). Uma viagem em tantas direções: no comboio, de Bolonha para Roma; em espírito, para Fátima; e, através da oração, para Deus. Esta viagem marcou o meu estado de espírito ao longo de todo o encontro e ajudou-me a ver mais nitidamente, no arco-íris da FD, o matiz, a beleza e a riqueza das diversas vocações.

O moderador do encontro, Ir Roberto, convidou-nos várias vezes a escutar com atenção e ativamente. Este apelo, aparentemente tão simples, ajudou-me a viver numa atitude de escuta e de docilidade ao Espírito.

Após a caminhada que fizemos ao longo destes anos, sentimos a necessidade de nos debruçar sobre os seguintes pontos: criar uma rede de comunicação mais eficaz que favoreça a comunhão, a partilha, a informação e a formação; a escolha do grupo de Coordenação Internacional de acordo com as propostas aprovadas nesta assembleia (duração



do cargo, composição, funções); a necessidade de nos organizarmos a nível económico.

Gostei muito do modo como o P. Juanjo apresentou o tema: “Sint Unum; a espiritualidade de comunhão: vida e missão”, porque nos provoca e propõe uma reflexão mais aprofundada sobre FD. Uma boa notícia: estão concluídos os Itinerários Formativos - um subsídio precioso sobretudo para a Formação dos Leigos Dehonianos. Foi feito um esforço notável por parte da equipa de trabalho que os elaborou e traduziu. Sabemos que estão a ser utilizados em diversos grupos, mas ainda há muito a fazer no sentido de os conhecer, propor, divulgar... O Encontro foi bom, muito bom mesmo: desde o acolhimento; passando pelos momentos de adoração, da Liturgia das horas, da Eucaristia; até ao convívio. Viveu-se em autêntico clima de FAMÍLIA, de encontro entre nós e com Deus.

No dia 17, no regresso a casa, passei pela Praça de S. Pedro, e participei, por algum tempo, na audiência do Papa Francisco. Emocionou-me, quando passou, no Papamóvel, bem perto de mim. Gostei tanto de ver a sua ternura, o sorriso, a alegria, as mãos estendidas para abençoar a multidão do Povo de Deus, minha/tua/nossa FAMÍLIA.

Já no comboio rumo a Bolonha, senti-me novamente a viajar, em espírito, com os que partiam em diáspora para a América Latina, América do Norte, Ásia, África e outros países da Europa. Sentia-me a parti com todos aqueles que, durante estes dias, partilharam a sua experiência e vivência de Ser e Agir como FD; mergulharam e beberam da mesma fonte que jorra do Coração de Jesus; alimentaram-se do mesmo Pão/pão que revitaliza o sentido de pertença, alimenta e faz crescer na determinação de viver e partilhar a espiritualidade dehoniana e a missão.

Penso que a experiência de “Pentecostes” que fizemos durante este encontro nos impele a ir lá onde Ele nos envia, nos precede, acreditando que, tal como com os discípulos de Emaús, Ele caminha connosco e que os nossos olhos se abrem na mesa do Pão acolhido e partilhado, recebido e dado.

Serafina Ribeiro, CM



A família alargou-se

Um encontro desejado pode dar sempre alegria e ter significado... assim foi o Encontro Internacional da Família Dehoniana (FD) realizado, em Roma, de 13 a 16 de maio de 2017. Antes de mais, agradeço ao Senhor que me deu a possibilidade de participar como representante da componente da vida consagrada laical, da FD presente na Indonésia.

Da Indonésia viemos três pessoas: P. Agustinus Setyoaji SCJ, o Senhor Philippus Harijadi e eu, Mudji. Agradeço à Congregação dos SCJ, à CM e ao Diretor da escola onde trabalho que me deu autorização de me ausentar por alguns dias. Agradeço também a todas as pessoas que rezaram por nós e pelo bom êxito deste encontro.

O evento correu bem, do primeiro ao último dia. Ficámos muito entusiasmados por termos tido a possibilidade de conhecer outros membros da família.

Cada dia teve a sua dinâmica de escuta, de discussão e de intercâmbio. O mais importante de tudo foi o tempo dedicado à oração comunitária. Foram momentos que nos ajudaram a ser ponte entre nós e a dar a nossa vivacidade a cada um. Compreendemos que a oração deve tornar-se um lugar privilegiado que não se pode descurar, necessária para ter uma boa relação com Ele, que nos chamou a ser família e que deseja que encontremos a nossa força n'Ele. Os momentos de oração comunitária são sempre uma riqueza e podem encher os nossos corações da presença divina. É também um modo de estar de joelhos

diante d'Ele e uma dimensão a ter sempre presente na nossa vida quotidiana para que nos ajude a enfrentar as diversas coisas que podem acontecer durante o dia. Aprendemos isto também com o P. Dehon.

Gostei de acompanhar o encontro, não obstante, a dificuldade da língua. Para mim, este foi um belo encontro porque me ajudou a compreender melhor o que significa fazer parte da FD e como devemos viver a espiritualidade do P. Dehon.

Falou-se também da estrutura, organização, comunicação e aspecto económico. Tudo me ajudou a entrar mais na realidade da FD, a crescer no sentido de pertença, a fazer emergir novos pensamentos e sonhos, para o seu futuro.

Outra coisa que quero recordar é a celebração eucarística conclusiva, presidida pelo P. Heiner, Geral dos SCJ, juntamente com toda a comunidade da casa dos SCJ de Roma. A despedida, antes de cada um partir para o próprio país, foi fraterna e alegre. Desejo bom trabalho ao novo grupo de Coordenação Internacional da FD: P. Bruno Pilati, Silvia Bertozzi, Rosalie Grace e Vicente Bruno. O Senhor vos abençoe e vos ajude a realizar e a concretizar as sugestões e indicações que vos confiou a Assembleia. Espero voltar a ver-vos, na próxima oportunidade.

Roma 16.05.2017

Marcelina Mudji, CM



+ informação ↩

Conhecer o Padre Dehon

Através dos Escritos Espirituais

O Coração de Jesus nos mistérios da sua vida escondida

A Igreja inspira-se desde o começo nas virtudes de Nosso Senhor. Estuda-as, medita-as e aplica-se a imitá-las. Mas sob o reino do Sagrado Coração, os fiéis devem remontar mais habitualmente à nascente destas virtudes, aos sentimentos íntimos e profundos do Coração de Jesus.

Compreendem agora melhor o conselho de S. Paulo: “Tende entre vós os mesmos sentimentos, que estão em Cristo Jesus (Fil 2,5). Penetram o Coração de Jesus em todos os seus mistérios.

E, em primeiro lugar, nos mistérios da sua vida escondida, que lemos no seu Coração? Aí lemos o aniquilamento, a humildade, o silêncio, a imolação e o amor.

O aniquilamento: “Ele, que é de condição divina, esvaziou-se a si mesmo, tomando a condição de servo (Fil 2,6). Aniquilou-se, humilhou-se e fez-se obediente até à morte de cruz.

“Aniquilemo-nos também, diz a Bem-aventurada Margarida Maria, em todas as nossas faculdades. Demos-lhe o nosso espírito, a nossa memória, a nossa vontade e todas as nossas afeições arrancando tudo o que não é dele nem de acordo com ele”. “Vivamos na humildade, desconhecidos do mundo, e sem procura nem vaidade”.

O exemplo de Jesus ensina-nos o silêncio e a imolação: “Façamos práticas de silêncio interior e exterior, afastando os pensamentos, as leituras, as conversas inúteis”.

Imolemo-nos à vontade divina manifestada pelos nossos Superiores, pelas nossas regras, pelas inspirações da graça.

O amor: apenas isto havemos de encontrar no Coração de Jesus. Fez tudo por amor pelo seu Pai e por nós. Façamos tudo por amor para com ele.

O Coração de Jesus no seu duplo apostolado da ação e do sofrimento

A vida pública e a Paixão do Salvador são as duas formas do seu apostolado. Pregou, curou, sofreu, deu a sua vida, tudo isto sempre pelas almas. É o Pastor que conduz as suas ovelhas à pastagem, que as cuida, que as cura e que dá a sua vida para as defender contra os lobos. Tem fome e sede, mas é das nossas almas e da nossa salvação. Agoniza no Jardim das Oliveiras, mas é sob o peso dos nossos pecados. É julgado e condenado por Anás, Caifás e Pilatos; é desprezado por Herodes, injuriado, desprezado e insultado pelos soldados e pelos criados. É em nosso lugar e para expiar as nossas faltas. Seremos nós ainda tão sensíveis depois disto a todos os sofrimentos e a todas as feridas do nosso amor-próprio? Pensemos que é pelas almas e pela nossa salvação, e nada nos custará. Mostra-se várias vezes a Margarida Maria

A vida eucarística é semelhante à vida escondida de Jesus em Belém e em Nazaré, é toda humildade, silêncio, desapego, sacrifício, oração e amor. Eis o nosso modelo. Os santos do Sagrado Coração terão uma particularidade especial.

na flagelação e na coroação de espinhos, para encorajar à paciência, à generosidade, ao sacrifício. Inspira a Margarida Maria a devoção ao Ecce homo. “Amo a cruz, diz-lhe, e os que a levam comigo e por amor de mim”. A cruz está nas chamas do seu coração. “Nada me encanta tanto, dizia Margarida Maria, como manter-me ao pé da cruz com a Santíssima Virgem”, e aconselhava a paciência e as mortificações voluntárias. “É preciso que nos esforcemos, dizia, por nos tornarmos verdadeiras cópias do nosso amor crucificado, de nada querermos senão ele, de sermos totalmente para ele, sofrendo e morrendo do seu puro amor”.

O Coração de Jesus na Eucaristia

A devoção ao Sagrado Coração é principalmente eucarística. Foi na Eucaristia que o Sagrado Coração mais frequentemente se manifestou a Margarida Maria. O Sagrado Coração quer dar-nos na Eucaristia a sua graça e a sua luz. S. João não viu no Verbo incarnado a fonte da graça e da verdade:

cheio de graça e de verdade? O Coração de Jesus, vivo na Eucaristia, foi mostrado a Margarida Maria como uma fonte de graças e uma fornalha de luz. “O Senhor chama-nos para honrarmos a sua vida de graça no Santíssimo sacramento”, diz. Muitas vezes o Sagrado Coração aparecia-lhe no Santíssimo Sacramento como um sol radioso. Mas que graças, que luzes particulares encontramos na Eucaristia? A vida eucarística é semelhante à vida escondida de Jesus em Belém e em Nazaré, é toda humildade, silêncio, desapego, sacrifício, oração e amor. Eis o nosso modelo. Os santos do Sagrado Coração terão uma particularidade especial. Tirarão das fontes do Sagrado Coração todas estas virtudes que brevemente acabámos de indicar; e tirá-las-ão da própria nascente, tê-las-ão mais vivas e mais abundantes.

Ó Jesus, fazei-me tirar da fonte. Estou consagrado ao vosso Coração, devo aí tirar sem medida estas belas virtudes: humildade, sacrifício e amor.

(ASC, pp. 57-58)



Através das Obras Sociais

“A escola sem Deus, diz-nos Lavissen, prepara destroços para o naufrágio”. “A ciência positivista, diz Brunetière, tinha-nos prometido que explicaria a vida e regularia a moral. Ela não pode nem criar a vida nem a explicar. Impotente a nos revelar o mistério da nossa origem, como pretenderia ela servir-nos de guia entre o nosso começo que ignora e o nosso fim que ignora igualmente?”. “Esperava-se, diz um jornal ordinariamente frívolo e irreligioso (*O Eco de Paris*), refazer a alma da nação pelo ensino laico. Fora proibido falar às crianças de Deus, o que nunca se viu em qualquer época e em qualquer povo. Consistia em suprimir de um só risco de caneta o *carácter absoluto da moral*. Os alunos desde 1883, aprenderam a não acreditar em nada, senão neles mesmos e na satisfação dos próprios apetites. O exemplo esteve à mesma altura do ensino. Eles viram os seus mais antigos colegas na vida política apenas dedicados ao culto da vaca de ouro, a seus interesses pessoais e à religião do prazer. Fabricou-se deste modo uma *geração de decadência*. Agora o medo apodera-se das poucas pessoas que se preocupam de raciocinar. Começa-se a reconhecer que tudo desaba e se as crianças continuam a ser moldadas

desta maneira, nós somos votados à mais temerosa derrocada». Deve-se ainda escutar um literato muito apreciado, o Sr Bourget; nos seus belos discursos sobre a América, ele mostra como nós caminhamos desde há um século ao inverso da poderosa e fecunda democracia americana. Esta favorece todas as forças vivas do país, a *religião*, a vida provincial, as associações. “Nós, ao invés, temos secado todas as fontes da vitalidade francesa. Portanto, é necessário, diz o Sr Bourget, regressar um século inteiro. Deve-se reencontrar a autonomia provincial e comunal, as universidades locais e fecundas; reconstituir a família terrena pela reforma da nossas leis de sucessão e de registro, proteger o trabalho pelo restabelecimento das corporações, tornar a dar à vida religiosa o seu vigor e a sua dignidade pela liberdade à Igreja...» É a orientação atual. Sofremos e começamos a reconhecer a sua causa principal: Falta-nos Deus, e a Igreja também nos falta na vida social. Sem Deus e sem a Igreja, como reafirma Leão XIII, todos os ensaios de superação serão vãos.

(RSO, Segunda Conferência Romana - 28.01.1897)



Através dos escritos de viagens

O Padre Dehon em Portugal - O Mosteiro de Alcobaça

A bela abadia de Santa Maria foi fundada em 1148 pelo rei Afonso Henriques, em ação de graças pela vitória em Campo de Ourique, que asseguraria a fundação da monarquia portuguesa. Todas as abadias portuguesas eram ex-votos de reis.

O mosteiro de Santa Maria lembra-me as grandes abadias cistercienses, como as de Paray-le-Monial, de Saint-Benoît-sur-Loire. O estilo é sóbrio e simples. Fizemos bem em começar por Alcobaça, porque esta visita não nos diria nada depois dos esplendores da Batalha.

A Igreja, acabada em 1222, é notável, no interior, pela beleza e pela simplicidade do seu estilo gótico primitivo. As naves laterais são pouco largas. A nave inteira é imponente.

Os retábulos estão ornados com estátuas em terracota policromada e com tamanho natural e uma expressão incrível. Túmulos reais guarnecem a abside e os transeptos. Há monumentos funerários de Afonso, irmão do rei Henriques, e de Afonso II, de Afonso III, das suas esposas e do rei D. Dinis.

Perto da varanda uma bela capela funerária, com arcos em negrito, a Capela dos túmulos, contém os mausoléus de Inês de Castro e de Dom Pedro. Estão voltados um para o outro. Infelizmente é preciso dizer aí como em Itália, como na Bélgica, como em todo o lado, os soldados franceses profanaram os monumentos, como pilharam os tesouros mais sagrados.

A abadia tem dois claustros. O do meio, ou do rei D. Dinis, apresenta o puro estilo do século XII. Uma escadaria graciosa ergue-se no canto do claustro. Encima está a sala dos reis, com toda uma epopeia de faianças. Vemos aí o rei Afonso na sé de Santarém, depois uma visão de S. Bernardo, a visita ao local e a escolha do sítio da abadia por S. Bernardo e pelo príncipe, a fundação e a construção da abadia. De assinalar ainda uma capela funerária no cemitério da abadia. É dedicada a Nossa Senhora *do destino*. Tem lindas faianças, que representam o massacre dos Inocentes e a fuga para o Egito. (ADP 501-502).



Peregrinação Dehoniana a Fátima

No domingo, dia 4 de Junho, realizou-se a tradicional peregrinação da Família Dehoniana a Fátima. De assinalar a presença numerosa de algumas das paróquias que nos estão confiadas, de vários Grupos Missionários, do grupo dos Antigos Alunos do Seminário Padre Dehon, que fez a viagem em bicicleta, das Missionárias do Amor Misericordioso do Coração de Jesus e da Companhia Missionária do Coração de Jesus, que celebra 50 anos de presença em Portugal.

Alguns grupos foram de véspera, fazendo a Via-sacra aos Valinhos e participando nas celebrações do Santuário. No dia 4, tudo começou com a participação na recitação do terço na Capelinha, seguida de procissão e Celebração Eucarística na grande praça. À hora do almoço viam-se os grupos à volta de mesas ou sentados nos relvados, ou sobre os muros, a refazer as forças com os abundantes e saborosos farnéis.

Às 15 horas começou a sessão de convívio no Salão Paulo VI, animada pela banda *Spiritus* e por alguns grupos participantes.

Tudo terminou com a Procissão e Bênção do SS. Sacramento.

Ao cair da tarde, cada um regressava às suas terras queimado pelo sol e pelo vento, mas com a alma a arder de novo entusiasmo no caminho da sua vida cristã, ao estilo do Padre Dehon.



*Jesus amou-me e escolheu-me.
A minha vocação apostólica nasceu do seu Coração.
É aí que ela deve conservar-se e desenvolver-se.
É aí que devo procurar a luz, a força e toda a orientação.*

Padre Leão Dehon

